

# III ENECULT

## TERCEIRO ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA

Trabalho apresentado no III ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, realizado entre os dias 23 a 25 de maio de 2007, na Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador-Bahia-Brasil.

### TOM ZÉ: UM TROPICALISTA E SUA ALDEIA

Marcos Roberto Martins dos Santos<sup>1</sup>

O presente artigo observa a relação do cantor e compositor tropicalista Tom Zé com a sua cidade natal Irará, no interior da Bahia. Descreve a carreira do cantor desde o despertar, na sua terra, até o reconhecimento mundial obtido pelo músico, salientando a frequência com que o artista menciona Irará em seu trabalho. Apresenta a cidade e o modo como Tom Zé é visto pelos seus conterrâneos nos dias de hoje. Ao contrastar o “sucesso” internacional do compositor, com certo desconhecimento de sua obra em Irará, o texto aborda questões como “o local” e “o global”, diante do processo de globalização e aponta para aspectos que envolvem a construção de textos identitários.

Palavras chaves: Tom Zé - Irará - Local - Global - Identidade.

Não é novidade, nestes últimos tempos, sobretudo no período de transição do Século XX para o XXI, a discussão em torno de temas como “globalização” e “identidades”. Calorosos debates têm incentivado a observação para o desenvolvimento das relações sociais, com um olhar especial para o campo da cultura.

Neste item, a produção artística tem tido um papel de destaque. Com a potencialização das TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação), a produção cultural de um determinado lugar chega a outro com maior facilidade, tornando-se rapidamente conhecida e, muitas vezes, assimilada por aquele novo público. O desenrolar deste processo, por outro lado, não exclui a possibilidade de um “re-descobrimto” da cultura, entendida como natural de determinada região, a partir de um olhar estrangeiro.

Simultaneamente a desterritorialização das artes, há fortes movimentos de reterritorialização, representados por movimentos sociais que afirmam o local e também por processos de comunicação de massa: rádios e televisões regionais, criação de micromercados de música e bens folclóricos, a “demassificação” e a mestiçagem dos consumos engendrando diferenças e formas locais de enraizamento<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Graduando em Comunicação Social com Habilitação em Produção em Comunicação e Cultura pela Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia – UFBA. [robertoirara@yahoo.com.br](mailto:robertoirara@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> CANCLINE, Néstor. Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro. UFRJ, 1999. p 170.

Por outro lado, a percepção da “desterritorialização da arte” merece uma reserva de atenção para o artista. Isto, diante da idéia de que um trabalho estético é também fruto da percepção, da visão de mundo e, porque não dizer, da identidade do indivíduo que o realiza. Vale lembrar do artista como um sujeito, um “eu” e que “dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas”<sup>3</sup>.

A idéia remete para a análise da obra do artista a partir de seu “*modus operandi*”, a sua vivência, os seus vários referenciais e do repertório sobre o qual é construída a sua produção. Aqui se dedica uma observação para a carreira do cantor e compositor tropicalista Tom Zé. Com base na relação entre ele e sua cidade natal, a intenção é direcionar um olhar para o jogo das construções identitárias e a maneira pela qual um artista, como poucos outros, se tornou universal cantando (literalmente) a sua aldeia, conforme a famosa citação de Leon Tolstói.

## **O Tropicalista**

Antônio José Santana Martins, Tom Zé, “entrou na terra por uma caverna chamada nascer” em 1936, na cidade de Iará, interior da Bahia. Ainda jovem descobriu a música, através das festividades e da atuação dos grupos musicais da cidade. A casa onde residiu nos primeiros anos de sua infância era ao lado da sede da Filarmônica, local onde aconteciam os bailes iraraenses.

Aos 17 anos se interessou pelo violão. Após aprender a tocar o instrumento, foi apresentar uma composição para uma namorada, mas não teve sucesso. “Durante uma tarde não conseguir cantar. É isso aí. Fiz tudo que era possível e não conseguir cantar”<sup>4</sup>. Só depois desta frustrada experiência percebeu que para vencer a sua timidez era preciso “limpar o campo” e observar o “acordo tácito”.

Estes dois pontos da estratégia do compositor incentivaram a sua atitude de, depois da decepção sofrida, começar a compor temas diferentes das cantigas tradicionais de “amor infeliz” e de fazer um “acordo” com a sua comunidade, cantando temas do

---

<sup>3</sup> HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro. DP&A, 2005. p. 09.

<sup>4</sup> ZÉ, Tom. Tropicalista lenta luta. São Paulo. Publifolha, 2003. p.16.

cotidiano local<sup>5</sup>. Assim Tom Zé começa a compor assuntos de Irará e tem início o seu sucesso entre os amigos e parentes. Data desta fase, a canção “Os Doidos de Irará”.

Os Doidos de Irará

Guilherme se requebra  
Rufino bota pó  
Lucinda sobe e desce  
Das Dores fala só

João Ré diz que vi  
Redondo e é ado  
Germino Curador  
Por Dalva foi Surrado

Euclides Morde o Braço  
Tiririca bole bole  
Mas todos passam bem  
Com Maria Bago Mole

Maria Bago/ Maria Bago/  
Maria Bago/ Bago/ Bago/ Bago  
Bago/ Bago/ Mole<sup>6</sup>

Esta música, principalmente pelo refrão, foi “censurada” pela igreja local. Maria Bago Mole, quase sempre lembrada nos shows de Tom Zé, era a mulher responsável por iniciar sexualmente os meninos da cidade. O padre não gostou de ouvir a charanga tocando a música nos festejos da padroeira, fez queixas ao pai do compositor e depois “pediu” a retirada de “Maria Bago” do repertório da Filarmônica. Tom denomina o episódio de “o AI ZERO de Irará” fazendo questão de lembrar que Maria Bago não era prostituta. Entre outras composições do tipo, o calçamento da cidade, promessa esquecida do prefeito da época, também foi lembrado.

Depois de ver o primo fazer sucesso em Irará, o produtor Roberto Santana, conseguiu uma oportunidade para Tom Zé se apresentar em programa de auditório da TV Itapoã de Salvador. Agora era preciso reformular o “acordo tácito”. Tom então

---

<sup>5</sup> No livro Tropicalista Lenta Luta Tom Zé narra como a leitura de um curso de fotografia a distancia, disponibilizado por uma publicação semanal, lhe ajudou a ter esta percepção.

<sup>6</sup> Rufino e Guilherme eram homossexuais rivais. O primeiro trabalhou na casa do Padre. Doceiro e vaidoso, era conhecido pela frase: “você só me ganha no ruge e no pó, mas no remeilei-xo-ó-xó, duvide-ó-dó”. O outro trabalhava nos serviços gerais na casa de Everton Martins, pai de Tom Zé, estando sóbrio não admitia ser chamado de “viado”, mas depois de beber “soltava as frangas”. Das Dores falava só e cumprimentava a todos com um “Deus lhe sante!”. João Redondo completava as frases quando alguém o chamava: “João Ré...”, ou “João Vi...” ele terminava a palavra com: “...dondo” ou “... ado”. Euclides andava calmamente pelas ruas vestido quase a rigor, mas quando chamado de “Badaró” pelo meninos, sentia tanta raiva que mordida os próprios braços. Tiririca, Germínio Curador e Maria Bago Mole, só se encaixam na canção sobre o efeito do álcool.

paródia o nome do programa (Escada Para o Sucesso) e com a música “Rampa Para o Fracasso”, abordando temas dos jornais da capital, ele encanta o público. Aquela foi a sua primeira aparição na TV, antes mesmo de ter vivido a experiência de assistir a uma programação televisiva.

Em Salvador Tom Zé estuda o ginásio e o ensino médio. Volta para Irará, se transforma em comerciante, mas depois larga tudo e retorna para a “Bahia”, como Salvador era conhecida em Irará. Nesta fase arranja emprego de Diretor de Música do CPC - Bahia (Centro Popular de Cultura da União Nacional dos Estudantes - UNE) e participa de espetáculo no Teatro Vila Velha. Conhece Caetano, Gil, Capinam e outros nomes do Tropicalismo. Depois entra para Escola de música da Universidade Federal da Bahia, onde foi aluno de expoentes da teoria musical como Koellreutter e Ernst Widemer.

No final da década de 1960, junto com os colegas tropicalistas, Tom Zé foi para São Paulo. Em “Sampa” participou do espetáculo “Arena canta Bahia”, dirigido por Augusto Boal. Concorreu nos famosos festivais de música, tendo vencido o festival da Record com a canção “São São Paulo, Meu amor” e emplacando a melhor letra com “2001”, parceria dele e Rita Lee. Nesta fase da carreira começou a gravar seus discos.

Mesmo mudando de lugares, sendo seduzido por novos acordos tácitos (São São Paulo é também um acordo tácito), Tom Zé não deixou de cantar o Irará. Já no seu primeiro LP de 1968 a abertura é um chamado: *“alô, alô serviço de alto falante da cidade de Irará/ eu, Tom Zé, filho de Seu Everton e Dona Helena...”*. Em “Se O Caso é Chorar” de 1972, tem a música “O Abacaxi de Irará”. Porém, é o “Correio da Estação Brás” de 1978 que traz a maior homenagem de Tom Zé às tradições de sua terra.

“Lavagem da Igreja de Irará” é mais que uma música é uma louvação. Nela Tom Zé faz alusão a tradicional Lavagem e a personagens históricos e folclóricos da cidade. A letra é recheada de refrões de cantigas de rodas como: *“arriba a saia peixão/ todo arribou você não”* e *“Pé Dentro/ Pé Fora/ quem tiver pé pequeno vai embora”*. A música homenageia a Lavagem, mas não deixa de mencionar outras partes dos Festejos Populares de Irará, a exemplo da Festa do Cruzeiro.

Zé, Zé, Zé Popó  
fogete no ar me anunciou  
Irá é meu namoro  
e a Lavagem é meu amor  
(...)  
Na lavagem a minha alma

se lava chora e se salva  
segunda, lá no Cruzeiro  
eu me enxugo no sol quente.  
No céu, na porta de espera  
Sinha Inácia foi louvada  
vendo os pés de Zé Tapera  
São Pedro cai na risada<sup>7</sup>  
(...)

Depois de um relativo sucesso em São Paulo, Tom Zé acabou sendo esquecido do cenário musical nacional. Chegou a planejar a volta para Iará. Já havia discutido a possibilidade de trabalhar como frentista no posto de combustíveis de seu sobrinho, quando o acaso, evitando o ocaso de sua carreira, lhe sorriu.

David Byrne (Talk Heads) em visita ao Brasil pediu a um vendedor de sebo para separar alguns discos de samba. Por desaviso o tal vendedor selecionou entre os discos o LP “Estudando Samba” de Tom Zé. O trabalho não é um disco de sambas tradicionais, como o ritmo é conhecido, mas um repertório de experimentalismos musicais.

De volta a Nova York, David ouviu o disco e logo quis saber quem era aquele artista. Ligou para Arto Lindsay pediu informações e depois conseguiu marcar um encontro com Tom Zé. O iraraense esquecido na “divisão do espólio do tropicalismo” gravou com David o “The Best of Tom Zé”. O trabalho virou sucesso nos Estados Unidos e Europa e, só então, Tom Zé voltou a aparecer na mídia nacional.

Um simples descuido de um vendedor e uma carreira renasce das cinzas como fênix. Nada estranho quando isto acontece na vida de um artista nascido num lugar, onde tudo “era cósmico ou cômico”, como ele mesmo diz. Neste comentário, Tom Zé sinaliza para episódios “estranhos” de Iará. Como por exemplo: O delegado que era comunista e temia pelo dia de receber a ordem para se prender; os padres com seus filhos e netos; um santo preso no município vizinho, com direito a processo e tudo; e até a morte, “ressurreição” e morte de novo de uma pessoa no mesmo dia; entre outras curiosidades.

Sucesso novamente, Tom Zé volta a fazer shows. Europa, Estados Unidos e Brasil. Nas suas apresentações, Iará está sempre presente. Seja contando uma “estória”, seja citada no meio das letras das músicas, seja lembrando de Maria Bago, etc. Tom Zé ganha destaque na mídia e Iará pega carona no sucesso do seu filho ilustre, sendo

---

<sup>7</sup> Sinha Inácia era a porta estandarte do Cortejo da Baianas, pouco antes de falecer, passou o bastão para D. Melânia que também é homenageada nesta música de Tom Zé. Hoje com mais de 80 anos, Melânia

mencionada diversas vezes em títulos como: “O gênio de Iará” (Caros Amigos: 1999), “A música que veio de Iará” (Folha de São Paulo:2003), “O herói de Iará” (Artigo de clipping no site [www.tomze.com.br](http://www.tomze.com.br)).

Diante dos fatos relatados por Tom Zé em suas entrevistas e comentários, como a “chegada da luz elétrica”, o acontecimento do “primeiro vaso sanitário da cidade”, entre outros, Iará passa a ser vista como um lugar bucólico, encravada no atraso do sertão baiano. As reportagens, por vezes, deixam a impressão de que Iará ainda é uma cidade de meados do anos 1940/50 (grande parte das narrativas de Tom Zé se passam neste período). Não obstante, vale lembrar que naquele momento até mesmo Salvador, capital do Estado, não conhecia os ares da industrialização e ainda tinha certo jeito de vila.

A fama do tropicalista ressuscitado despertou interesse pela cidade. Em 2003 a TVE-Bahia foi a Iará com Tom Zé para gravar o especial “Zé de Iará, o Tom da Bahia”. Intercalando imagens de um show do cantor, o programa mostra uma visita de Tom por lugares onde passou a sua infância e juventude. Escola, ruas, encontros com amigos e as duas casas onde ele morou, se bem que a segunda, somente o terreno, pois o imóvel foi demolido.

O programa “Na Carona” da TV Bahia, afiliada da Rede Globo no Estado também focalizou Tom Zé. Dedicado a apresentar cidades e lugares do interior baiano, quando em Iará o programa dispensou grande parte de sua atenção para falar do compositor. Deixou de lado traços importantes da cultura local, como a gloriosa Filarmônica, ao passo em que se alongou em entrevistas com amigos e parentes de Tom Zé.

Mesmo apresentando Iará como terra de Tom Zé e Dida, goleiro da Seleção Brasileira de Futebol, a exibição quase não falou sobre o desportista. Claro que a trilha sonora do programa não deixaria de abordar o tropicalista. Destaque para “Xique-Xique Parabelo”, composição de Tom numa parceria com Miguel Wisnick.

Com esta perspectiva, através da forma como Iará é abordada pela mídia nacional e, até mesmo mundial, surge uma aparente inversão de papéis. Logo, parece deixar de existir o “Tom Zé de Iará”, para aparecer o “Iará de Tom Zé”. Iará vai a reboque do trabalho de seu filho. A cidade enquanto tal é levada ao segundo plano, perdendo-se a

---

ainda participa da Lavagem quando o seu estado de saúde permite. Zé Tapera era um negro alto de pés tão grande que via calçado em dia de eleição quando lhe era providenciados dois calços na forma 44.

oportunidade de se conhecer melhor o lugar é que deu origem a um artista inventivo como Tom Zé, entre outros.

## **A aldeia**

Irará esta localizada a 128km a nordeste de Salvador, cerca de duas horas de viagem de automóvel. Tem população em torno de 27 mil habitantes, povoando uma área de 271,km<sup>2</sup>, e é sede da Comarca que abrange outros quatro municípios (Água Fria, Ouriçangas, Pedrão e Santanópolis). A cidade tem posição geográfica em área limítrofe entre o recôncavo e o semi-árido baiano, com localização próxima a três importantes centros do interior do Estado, Feira de Santana (50km), Alagoinhas (75) e Serrinha (70).

Dos municípios próximos, Irará tem maior contato com Feira de Santana, com uma migração pendular considerável de pessoas que vão para Feira estudar e trabalhar. Há um grande número de iraraenses residindo em Salvador que mantém contato constante com a cidade natal. No que se refere ao desenvolvimento das tecnologias de informação, a cidade também não fica tão distante dos grandes centros.

Antenas parabólicas, telefonia fixa, móvel e internet já fazem parte do cotidiano da cidade. As duas agências bancárias (Banco do Brasil e Bradesco) e alguns outros órgãos públicos trabalham on-line. Todas estas condições desfazem a mística de Irará como um lugar isolado, perdido no tempo.

As pessoas que moram em aldeias pequenas, aparentemente remotas, em países pobres, do “Terceiro Mundo”, podem receber na privacidade de suas casas, as mensagens e imagens das culturas ricas. (...) Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelo sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas - desalojadas - de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem “flutuar livremente”<sup>8</sup>.

Em meio aos efeitos da aceleração do processo de globalização o segmento cultural iraraense aos poucos vai “esquecendo” de seus tradicionais caracteres de referência. Diferente do passado, a cidade não dispõe de um cine-teatro. A biblioteca pública tem funcionamento irregular. Os folguedos tradicionais, aos poucos vão sendo desvalorizados. O Departamento Municipal de Cultura, não sinaliza para a efetivação

---

<sup>8</sup> HALL, Stuart. Op. cit. p. 74 e 75.

de uma Política Cultural consistente. As ações deste órgão são focalizadas em eventos “popularescos”, sob forte influência da cultura massiva.

Um dos pontos fortes no seguimento cultural da cidade é a Filarmônica 25 de Dezembro. A Banda já venceu vários concursos na Bahia e esteve entre as quatro melhores do país em Festival realizado pela FUNARTE<sup>9</sup>. A escolinha de música, mantida pela entidade, é responsável pela formação de jovens músicos. No entanto, depois de passar pela Filarmônica, quase todos eles acabam se transformando em mão-de-obra para bandas do mercado massivo de outras cidades e também de Irará, visto que este é o perfil das mais de uma ou duas dezenas de grupos da cidade.

Neste cenário, a vivência cultural de Irará é pobre, sobretudo para a juventude, incapaz de conhecer até mesmo a obra de Tom Zé, o cantor iraraense mais difundido pelo mundo. Com intenção de fazer uma análise, mesmo superficial, desta afirmação, um pequeno questionário, elaborado especialmente para a produção deste artigo, foi aplicado entre alguns alunos do Colégio Joaquim Inácio de Carvalho, único Colégio de Ensino Médio da cidade<sup>10</sup>. A pesquisa continha as seguintes perguntas:

- 1 - Você conhece o cantor Tom Zé? Sabe de onde ele é natural?
- 2 - Como você percebe a relação entre Tom Zé e a sua cidade natal?
- 3 - Você conhece ou escuta alguma música de Tom Zé? Se conhece, cite o nome de uma ou algumas.
- 4 - Você sabe o nome de algum disco de Tom Zé? Caso saiba cite o nome de um ou dois.
- 5 - De qual importante movimento cultural brasileiro Tom Zé foi integrante?

A pesquisa foi feita com 41 estudantes, sendo 13 (31,7%) do sexo masculino e 18 (68,3%) do sexo feminino. Com relação à faixa etária, 23 (56,1%) deles tinham entre 13 e 15 anos; outros 17 (41,5%), entre 16 e 18; e somente uma aluna (2,4%) com idade entre 19 e 21 anos. Os dados apurados revelam o desconhecimento dos jovens sondados para com a obra de Tom Zé.

Todos responderam que não sabem de qual “importante movimento cultural brasileiro Tom Zé fez parte”. Nenhum deles também soube mencionar o nome de qualquer disco do compositor. Com relação ao título de uma música do tropicalista, dois estudantes (4,8%) pontuaram o nome da canção “Abacaxi de Irará”, sendo que um deles

---

<sup>9</sup> ARAÚJO, José. Sociedade lítero musical 25 de dezembro 50 1954-2004 Jubileu de Outro. Irará, 2004. p.41.

<sup>10</sup> O questionário foi aplicado no dia 16 de março de 2007 entre os alunos do turno vespertino.



mencionou “conhecer, mas não escutar”. Ainda sobre canções, outros dois responderam que conhecem uma canção, mas não sabem o nome da mesma.

As respostas assinaladas para a primeira pergunta evidenciam que a maioria dos alunos entendeu o “conhecer Tom Zé” como um contato pessoal com o cantor. Um grupo de 17 (41,5%) estudantes respondeu que “não conhecem” Tom Zé. Alguns colocaram respostas como: “não conheço, mas já ouvir falar”, “não conheço, mas já vi passar na televisão”, “não, ele foi um cantor...”. Esta última dá a entender que na concepção do estudante Tom Zé já é falecido. Ainda com relação ao “conhecimento” para com o tropicalista, 14 (34,1%) alunos responderam “sim” ou “conheço”. Outros 10 (24,4%) ou não responderam a questão ou deram resposta do tipo: “eu ouço falarem dele”, “ele é cantor”, “um pouco”.

A segunda parte da pergunta, com relação a naturalidade de Tom Zé, recebe um número quase que total de respostas afirmativas. Apenas 02 (4,8%) estudantes não souberam assinalar qual a cidade de origem do cantor. Todos os outros responderam “Irará”, com exceção de apenas um que demonstrou dúvida pontuando da seguinte forma: “eu acho que ele é de Irará”.

O quesito cujo enunciado procurava saber qual a relação do cantor com a sua cidade natal foi rejeitado por mais de 50% (23) dos estudantes, pontuando respostas do tipo “não sei”. Os que responderam esta questão demonstraram interpretações otimistas (11 alunos - 26,8%) e pessimistas (07 alunos - 17%) sobre Tom Zé.

As respostas otimistas dão conta do quanto Tom Zé fala de Irará nos seus shows e entrevistas. “Ele morava em Irará e fala muito bem de nossa cidade”, diz uma estudante. Outra sintetiza que a relação de Tom com sua cidade natal é “de amor e de muito carinho”. Um estudante aponta para um tipo de orgulho por parte de Tom Zé quando diz que “ele não tem vergonha de sua cidade natal, admira muito a sua cidade de nascença”. Já o seu colega diz que “ele é apaixonado pela sua cidade natal, mas ele não vem muito aqui, é difícil”.

O sentimento de uma ausência física de Tom Zé em Irará no presente é ponto de maior frequência entre os comentários pessimistas. Um deles define a relação de Tom com Irará como “péssima, pois acho que ele nem aparece na cidade”. Outro afirma que “depois de famoso, ouvi falar que ele veio em Irará apenas uma vez”. Um terceiro pontua que a relação é “muito distante, porque ele (Tom) tem pouco contato com a cidade e com os habitantes dela”. Comentários como “meio diferente, moro em Irará e

nunca ouvir falar dele aqui”, “relação distante, quase que inexistente” e “ele não vem muito em Irará”, completam a lista.

A ausência apontada por alguns alunos, é por vezes aproximada à letra da música “Menina Jesus”, notadamente no trecho abaixo:

(...)  
Só volto lá a passeio  
no gozo do meu recreio  
só volto lá quando puder  
comprar uns óculos escuros

Com um relógio de pulso  
que marque hora e segundo,  
um rádio de pilha novo,  
cantando coisas do mundo -  
pra tocar

Lá no jardim da cidade,  
zombando dos acanhados  
dando inveja nos barbados  
e suspiros nas mocinhas...

Porque pra plantar feijão  
eu não volto mais pra lá  
eu quero ser Cinderela,  
cantar na televisão...  
(...)

Esta letra de Tom universaliza o sentimento de muitos nordestinos que vão tentar a vida no “sul maravilha”. Ou seja, com a vontade voltar para terra natal a passeio, com algum símbolo da civilização em mãos (hoje o automóvel talvez seja o bem que maior represente isso), provando aos conterrâneos que “venceu na vida”. No entanto, em Irará a letra acaba dando vazão a “teoria” de que Tom tenha tido algum desgosto com a terra natal e que por isso não queira compromisso com a mesma, além de raras visitas, sem conhecimento público, a seus amigos e parentes.

A última vez que Tom Zé cantou ao vivo para os seus conterrâneos foi em 1991, numa apresentação solo na Casa da Cultura de Irará (CCI). Em Dezembro de 2003, em tarde de autógrafo do lançamento do livro “Tropicalsita Lenta Luta” numa livraria de Salvador, os então dirigentes da Casa da Cultura sondaram com Neusa, esposa e espécie de empresária de Tom Zé, a possibilidade de uma apresentação dele em Irará. Embora os proponentes não tenham feito uma proposta de show gratuito, a conversa com Neusa deu a entender que Tom Zé não estaria disponível para tal. Aquela diretoria da CCI não conseguiu levar uma apresentação do iraraense a sua terra.

Esta questão parece mesmo ambígua. A Prefeitura Municipal, como instituição que teria condições de realizar ou de viabilizar meios para levar um show de Tom Zé a Irará, parece nunca ter interesse pela proposta. Sem demonstrar entender o “atrativo midiático e popular” que hoje teria uma apresentação de Tom em sua terra natal, prefere gastar o equivalente, ou mais, com outras “atrações”. Vale observar que uma possível indisposição do artista para voltar a se apresentar em Irará seria o contra-senso diante das suas declarações:

Marina Amaral - **Você volta para a tua terra?**

**Tom Zé** - Sim. Estou lá todo dia, telefono pra lá todo dia. Eu olho na Folha todo dia se chove lá (...) Eu tenho todos os amigos de infância. Eu sei quem foi, quem voltou, quem morreu, quem não morreu.

José Arbex Jr. - **Como você é visto lá? Como o pessoal te recebe?**

**Tom Zé** - Primeiro assim, com bastante alegria, como se um colega deles alcançasse uma fama e fizesse coisas bonitas e as pessoas gostassem. Ficam contentes, me tratam com maior carinho, eu me sinto bem. Os amigos mesmo.

José Arbex Jr. - **Você não virou um doutor, então?**

**Tom Zé** - Não para eles eu sou um cantor de cantiga, não é? <sup>11</sup>

Com essa idéia de cantor de cantiga, o iraraense José Aristeu de Araújo, amigo de Tom Zé (falecido em ), escreveu “Tom Zé o Cantador de Irará” (Irará:1999). No livro de 45 páginas o autor conta um pouco da história de vida daquele que é cantador por “cantar o que vê” e narra episódios do seu convívio com Tom em São Paulo na época dos festivais.

Na “nota do autor” do livro, José Aristeu argumenta uma das motivações para escrever como sendo as futuras gerações “que por certo, cultuarão Tom Zé como uma das mais importantes figuras de nossa cultura, possam tê-lo (o livro) como uma fonte de informações, quanto a identidade deste que é, no crepúsculo deste século, um dos mais importantes músicos brasileiros que conseguiu ultrapassar fronteiras”<sup>12</sup>.

Depois de oito anos, a esperança do autor por um possível “culto” a Tom Zé em Irará, ainda não se concretizou. A obra do tropicalista só é conhecida na cidade por aqueles que poderiam ser chamados de “elite cultural iraraense”<sup>13</sup>. Os jovens demonstram desconhecimento sobre o artista, assim como outros traços da cultura local.

---

<sup>11</sup> CAROS AMIGOS, Outubro de 1999. Entrevista Tom Zé, pag. 39

<sup>12</sup> ARAÚJO, José. Tom zé o cantador de irará. Irará, 1999. p.10.

<sup>13</sup> Sabe-se que Tom Zé não faz um trabalho de apelo massivo e que por isso, não é um artista de grande popularidade, no entanto era esperado que a condição de “artista famoso” em Irará gera-se ao menos algum tipo de curiosidade para conhecer o trabalho do artista.

Sem conhecimento e valorização não se criam oportunidades. Assim sofre a produção de artesanato e cerâmica local, ainda manual e feita à base de tradições indígenas. Esmorece o potencial artístico da cidade para o teatro. Castram-se as oportunidades para surgimento de talentos literários. E, porque não dizer, diminui consideravelmente as chances de aparecer novos “Tom Zes” que cantem o humor, a hospitalidade, o jeito... a identidade Irará.

### **Global e local: um tom para a “iraraensidade”**

É difícil definir o que há de “identidade iraraense” em Tom Zé. Com certeza há muitos traços do comportamento e das atitudes do cantor no palco que singularizam com caracteres dos habitantes de sua terra natal. É perceptível que a cultura iraraense influenciou bastante o trabalho do artista.

Ao trabalhar como uma espécie de porta voz, Tom Zé difundiu o nome de Irará para o mundo, mas contraditoriamente é quase um desconhecido nos meios populares de sua própria terra. Alguns chegam a criticá-lo pela ausência de visitas constantes ou exibições fortuitas da sua presença na cidade. Da mesma maneira que a música de Tom Zé não encontra espaço em Irará, outros símbolos da cultura local também são preteridos a produção estética de outros lugares que chegam a Irará através dos veículos de comunicação de massa.

Irará não tem uma emissora de rádio, mas recebe o sinal das Rádios das cidades próximas (Salvador, Feira, Alagoinhas e Serrinha). Com relação a TV o caso ainda é mais sério, pois, o sinal das antenas parabólicas recebe a programação diretamente do sul do país. É o global atuando no local. O mesmo acontece com a obra de Tom Zé. Os iraraenses que conhecem o trabalho do conterrâneo acessam o mesmo como um artista global, mas com um sabor diferenciado, na medida em que ele é um “global” falando do local.

O regionalismo e as representações iraraenses têm forte consideração nos depoimentos de Tom Zé. Ele chega a colocar um “som da cidade” como condição final de sua carreira. Diz que quando conseguir reproduzir o som do ambiente e das lavadeiras que ele ouviu, quando criança, na Fonte da Nação em Irará, sua produção estará esgotada.

Tom ainda não pôde compor o canto outrora presente na Fonte da Nação, mas bem que compôs “ausências” do folclore nordestino. Isto é revelado pelo compositor no “Tropicalista Lenta Luta”. Augusto Boal, Gil e Caetano tentavam fazer composições com material folclórico colhido no Nordeste, quando perceberam a falta de “alguns elementos de ligação”. Tom Zé então dizia: “Creio que conheço uma estrofe de cantiga de roda que faria bem essa ligação” (Zé:2003). Depois ele compunha a “ligação” e trazia. “Eles nunca desconfiaram que aquele “folclore baiano” fora feito no quarto de hotel em São Paulo”<sup>14</sup>, revela o iraraense.

Até mesmo nesta “brincadeira” Tom Zé não deixou de fazer certa alusão a Irará. Pois, se ele teve como base a lembrança de alguma cantiga de roda para compor o “folclore baiano”, certamente a inspiração veio das cantigas conhecidas desde sua infância. Desta maneira, “inventando um folclore”, Tom Zé realça, ao tempo em que cria e re-cria a sua identidade iraraense. Da mesma forma como vem fazendo em suas apresentações e no seu trabalho musical.

A identidade é uma construção, mas um relato artístico, folclórico e comunicacional que a constitui se realiza e se transforma em relação a condições sócio-históricas não redutíveis a encenação. A identidade é teatro e é política, é representação e ação<sup>15</sup>.

As representações (teatro) de Tom Zé apontam para um trabalho político (ação) ou para o direcionamento de uma grande política cultural com necessidade de ser elaborada na cidade natal do tropicalista. No seu lugar de origem. Pois, as condições “sócio-históricas” da contemporaneidade mostram que enquanto “o espaço pode ser “cruzado” num piscar de olhos - por avião a jato, por fax ou por satélite. Os lugares são fixos”<sup>16</sup>. Neste Irará de hoje, onde o espaço está acessível às tecnologias, é preciso tirar proveito disto para saber fixar o lugar.

Esta fixação, nada mais é do que o incentivo à construção do texto da “iraraensidade”. Da mesma maneira pela qual Salvador e Recôncavo tem a “baianidade” como “texto identitário que se tornou hegemônico no sentido de reunir as referências culturais da região”<sup>17</sup>, fazendo dos seus habitantes “profissionais e militantes” de seus

---

<sup>14</sup> ZÉ, Tom. Op. Cit. p 31.

<sup>15</sup> CANCLINE, Néstor. Op. cit. p. 175 e 176.

<sup>16</sup> HALL, Stuart. Op. cit. p 72 e 73.

<sup>17</sup> MOURA, Milton. Identidades. Em Cultura e Atualidade, Antônio Rubim org. Salvador. Edufba, 2005.p. 86.

“anúncios para si mesmo e para o mundo”<sup>18</sup>, Iará pode elaborar o seu projeto de construção identitária.

Assim, antes de acusar Tom Zé de “usar o nome de Iará para se promover”, alguns iraraenses devem ter outra concepção sobre o trabalho do conterrâneo. É necessário entender que a cidade também se promove à custa de Tom e começar a valorizar a cultura da cidade, aquilo que oriundo da “aldeia”.

Pessoas, saberes, artes, artesões, artifícios e traços peculiares de uma cidade receptora da rica influência cultural do recôncavo e sertão baiano. Por tanto com todo o potencial para saber evidenciar os seus traços identitários e formular a sua cultura. Afinal, o tempo também é do local, do regional invadir o global. Quem imaginária que “Os Doidos de Iará” daquela remota década de 1950 estariam no Programa de Jô Soares, ocupando horário nobre da Rede Globo? Ou em Teatros de Londres e Nova York? Pois é. Tem muito mais por vir.

#### Bibliografia:

ARAÚJO, José. **Sociedade lítero musical 25 de dezembro 50 1954-2004 Jubileu de Outro**. Iará, 2004.

ARAÚJO, José. **Tom zé o cantador de irará**. Iará, 1999.

CAROS AMIGOS. Entrevista Tom Zé, Outubro de 1999.

CANCLINE, Néstor. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro. UFRJ, 1999.

FOLHA DE SÃO PAULO, **A música que veio de Iará**. Caderno Mais 12 de Outubro de 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro. DP&A, 2005.

MOURA, Milton. **Identidades**. Em Cultura e Atualidade, Antônio Rubim org. Salvador. Edufba, 2005.

PAIXÃO, Juracy. **Janelas abertas**. Fortaleza. ISBN, 2006.

---

<sup>18</sup> Idem.

SEBRAE. **Plano municipal de desenvolvimento sustentável**. Irará. 2003.

ZÉ, Tom. **Tropicalista lenta luta**. São Paulo. Publifolha, 2003.

Site: [www.tomze.com.br](http://www.tomze.com.br)

Programas de TV: Especial TVE, “Tom da Bahia, o Zé de Irará” e TV BAHIA, Na Carona Irará.